



A figura do seminário em *O seminarista* de Bernardo Guimarães

The figure of the seminary in Bernardo Guimarães's *O seminarista*

Oziris Borges Filho¹

Nilfan Fernandes da Silva Júnior²

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar o romance *O seminarista* de Bernardo Guimarães, publicado em 1872. O objetivo principal é focalizar a representação do espaço do seminário dentro da obra. Para isso, utilizaremos a metodologia da Topoanálise.

Palavras-chave: Topoanálise; Seminário; Cenário; Natureza.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the novel *O seminarista* by Bernardo Guimarães, published in 1872. The main objective is to analyze the representation of the seminary in the novel. For this, we use the method of Topoanalysis.

Keywords: Topoanalysis; Seminary; Scenery; Nature.

1. Introdução

O seminarista (1872) é um dos romances de Bernardo Guimarães que tiveram grande repercussão. Nele, o autor fez algumas críticas sociais, sendo as mais importantes as dirigidas ao patriarcalismo da época e ao celibato clerical. Inserindo-se dentro do Romantismo brasileiro, o romance apresenta temas sentimentais e bucólicos, com destaque para a natureza e a religião.

Propõe-se, através de uma Topoanálise de *O seminarista*, verificar como o espaço se instaura no enredo, principalmente, o *tópus* do seminário.

2. Chegada ao seminário

O narrador hetero e extradiegético, segundo a terminologia proposta por GENETTE (1977), primeiramente nos diz sobre o choque e a mudança brusca ocorrida para Eugênio, ao ser transportado das “livres e risonhas campinas da fazenda paterna” para a “monótona e austera prisão de um seminário no arraial de Congonhas do Campo”. Essa mudança espacial radical, do aqui para o lá, representa a coordenada espacial da prospectividade. Ela é logo mostrada como um tormento físico e psicológico para a

¹ Doutor em Letras, professor Adjunto IV da UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professor do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem na UFG – câmpus de Catalão. Bolsista PET. oziris@oziris.pro.br

² Professor de Língua Portuguesa na rede de ensino particular em Uberaba-MG. nilfanjr@hotmail.com

personagem. Assim, o aqui/perto é positivo, enquanto o lá/longe é negativo, em relação à fazenda. Eugênio, o protagonista da história e personagem plano tipo é, desde o primeiro capítulo, descrito como um garoto pacato, cordato, dócil e que, ao longo da narrativa, se comporta de maneira bastante submissa, pois sempre está subordinado às vontades de seus pais. Mesmo quando Eugênio, nos capítulos mais adiante, consente em voltar o mais rápido possível do seminário para os braços de Margarida, ele não cumpre a promessa, e o espaço recluso do claustro sempre ajuda a acalmar suas vontades. Pode ser caracterizado, portanto, como protagonista herói, pois sempre está de acordo com as imposições e costumes da sociedade.

Na época, havia uma tradição de se ter um filho padre na família, pois era igualmente um meio de o filho ascender socialmente, já que a profissão de padre era digna de respeito. Além disso, a falta de colégios laicos favorecia a grande leva de estudantes que se dirigiam aos seminários.

Há parágrafos que descrevem o local e a cidade de Congonhas do Campo, focando mais o seminário e a Capela. A Capela do Senhor Bom Jesus do Matosinho nos é apresentada, já que se situa muito próxima ao seminário.

Antes porém de prosseguirmos, repousemos um pouco nossas vistas sobre o pitoresco edifício do seminário e especialmente sobre a alva e formosa Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinho, que em frente dele se ergue no alto da colina, como a branca pomba da aliança pousada sobre os montes. (GUIMARÃES, 1990, p. 22)

Essa comparação de teor espacial feita entre a Capela do Senhor Bom Jesus do Matosinho e a branca pomba da aliança é bastante conveniente dentro da obra, além de ser alegórica. A Capela, que realmente existe nessa cidade, é alvo do turismo religioso da região. Por isso a capela traz um efeito de realidade ou, segundo BARTHES(1972), efeito de real. Na obra, o narrador a cita como “um fanal de esperanças ao triste caminheiro estafado e perdido pelas escabrosas sendas da vida, como um refúgio de paz aos aflitos peregrinos do vale das lágrimas”. Ela é um ponto de paz e esperança para aquele indivíduo que precisa de alguma ajuda espiritual, aos romeiros e peregrinos, que vêm procurar alívio para os seus sofrimentos. Ao longo da história, deparamo-nos com diversas passagens que enfatizam essa força e a necessidade de apego ao sagrado. A religiosidade presente no texto é marcante e caracteriza o povo da cidade, da região e os homens da época. O misticismo e as superstições também estão arraigados. No capítulo

segundo, quando a Sra. Antunes, mãe de Eugênio, encontra Margarida brincando com uma cobra e esta não faz absolutamente nada, ela logo faz alusões à serpente que tentou Eva no *Gênesis* e ao Satanás (o que não deixa de ser um indício do amor supostamente pecaminoso que irá se estabelecer entre Eugênio e Margarida). No capítulo nono, quando o rapaz encontra sua amiga de infância, esta lhe diz para não se tornar padre, já que querer bem a um padre é um motivo de as mulheres se tornarem mula-sem-cabeça.

Pesquisando sobre sua acepção alegórica, a pomba, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* (2008) representa a paz, a harmonia, a esperança e a felicidade recuperada. De acordo com a visão cristã presente no Velho Testamento, depois do dilúvio de Noé, Deus estabelece uma aliança com a humanidade e promete sempre dar vida em abundância (*Bíblia*, 2000, p. 21). E é o mesmo que vemos com a Capela, descrita “como a branca pomba da *aliança* pousada sobre os montes”. Precisamente por causa dessa aliança entre o homem e o divino que os peregrinos e romeiros vão em busca da Capela. E ainda há a relação com o branco, que representa a pureza, a revelação, a graça, a teofania (manifestação de Deus). Na obra, essas significações se encaixam muito bem já que a capela é um local reservado para o divino. É uma topia de purificação espiritual para a grande maioria das pessoas. Para Eugênio essas significações podem não ter um efeito de sentido com conotação positiva, já que essa vida reclusa lhe proporcionou muitas dores.

Observamos também que o narrador se utiliza da espacialização franca, pois é ele próprio quem descreve todos os espaços. O espaço não só é caracterizado fisicamente, mas também se relaciona com o psicológico das personagens, principalmente Eugênio.

Que mudança radical de vida!... que meio tão diferente daquele em que até então tinha vivido!... Essa transplantação devia modificar profundamente a existência do arbusto tão violentamente arrancado do solo natal. (GUIMARÃES, 1990, p. 22)

Aqui percebemos que o narrador faz uma metáfora: “essa transplantação devia modificar profundamente a existência do arbusto tão violentamente arrancado do solo natural”. O arbusto a que ele se refere é Eugênio, que foi tão radicalmente obrigado a ir para o seminário, totalmente contra a sua vontade, que era a de viver sempre perto dos campos de infância e de sua amada Margarida. Durante a narrativa, podemos perceber claramente as metáforas espaciais que o narrador utiliza, sempre transfigurando os personagens (principalmente Eugênio e Margarida) em elementos da natureza, como

arbustos, árvores entrelaçadas, flores, etc. Isso caracteriza uma linguagem regionalista, conveniente com a realidade da época e a importância da zona rural para as pessoas. Essa aproximação com a natureza também sugere a inocência das personagens. Inclusive, essa caracterização se encontra no próprio nome da personagem feminina, Margarida. A esse recurso de caracterização pelo nome, o teórico russo TOMACHEVSKI (1978) chama de máscara.

Há algumas funções que esse espaço do seminário irá estabelecer na diegese. Podemos dizer que este espaço é uma projeção psicológica do estado do protagonista, que se sentiu tão deslocado ao sair dos campos da fazenda. O seminário também influencia Eugênio, pois por mais ardente e persistente que fosse a paixão dele por sua amada, sempre havia penitências e ritos religiosos que acabavam acalmando e “domando” o espírito do rapaz, deixando-o cada vez mais tristonho e depressivo. Outra função do espaço é representar os sentimentos vividos pelo protagonista, que assim como o lugar, que era austero, se mostra sempre cabisbaixo e até indiferente.

Enquanto seus companheiros brincavam, corriam, saltavam, balouçando-se em gangorras ou trepando pelas árvores, Eugênio se isolava, e sentado no paredão olhava para os outeiros e espigões que se desdobravam diante de seus olhos. (GUIMARÃES, 1990, p. 26)

Nota-se o grande distanciamento de Eugênio em relação aos outros seminaristas. Estes, ao contrário de Eugênio, que se isola perto do paredão, brincam e riem.

Dentro da Topoanálise, o espaço do seminário, assim como o da Capela, são classificados como cenários (pois é tudo construído pelas mãos do homem), ao contrário dos campos da fazenda de Antunes que são classificados como natureza, isto é, espaço que não foi construído pelo homem. Podemos também dizer, através da observação de todo o romance, que há macroespaços, ou seja, os espaços estão divididos em dois grandes blocos que são o campo e a cidade. Com significados bem distintos um do outro, podemos reparar que o campo (espaço aberto) é onde ocorrem os melhores momentos para Eugênio, onde seu espírito está mais leve e onde se sente realmente feliz ao lado de Margarida. Ao contrário, na cidade, há o espaço fechado representado pelo seminário onde ele recebe todas as imposições da vida religiosa e celibatária.

A descrição do cenário da Capela é mais detalhada. O narrador fala sobre as obras do escultor barroco Aleijadinho que se situam no adro da Capela que, em sua opinião,

possuem pouca “harmonia e falta de proporção de certas formas”. Dentro dessa descrição percebe-se a intrusão do narrador dentro da narrativa, pois ele expõe sua opinião ou comenta sobre sua própria narração.

O narrador diz que as estátuas de Aleijadinho “ornam” a cadeia de Ouro Preto, manifestando um “quê” de sarcástico e irônico. Logo após, ele retira a ironia e faz um escárnio verdadeiro, dentro de sua narração intrusa. Porém o narrador diz que, apesar de todas essas imperfeições causadas pelo trabalho tosco do escultor, as imagens dos profetas podem causar “uma forte impressão de respeito e mesmo de assombro”. Essas características vêm reforçar a idéia de respeito que Eugênio sente pelo lugar religioso e também compõem esse cenário amedrontador e perscrutador em que o seminarista se insere.

Após a descrição da Capela, o narrador foca o seminário, que é citado como um edifício “que nada tem de muito notável”. Talvez ele não quisesse enfatizar mais porque essa era justamente a significação que possuía para Eugênio: não era notável. Era um *tópus* que impunha bastante ascetismo e austeridade, porém não representava nenhuma emoção especial para o rapaz. O interessante é que, depois dessa passagem, o narrador começa a falar das colinas e da natureza que se descortinam através do seminário. Então temos uma dicotomia entre o aqui/restrito/interior do seminário, onde o protagonista se encontra, e o lá/amplo/externo que ele enxerga pela janela, espaço de comunicação entre essas duas topias. Pela Topoanálise podemos classificar esse espaço vislumbrado pela janela de paisagem. Por paisagem entende-se aquele espaço amplo que é captado pelo olhar e ainda é fruído pelo personagem. A paisagem pode ser natural ou urbana. Nesse caso, temos a presença da paisagem natural.

Colinas bastantemente acidentadas, cobertas de sempre verdes pastagens e marchetadas aqui e acolá de alguns capões verdes-escuros formam o aspecto geral do país. Por entre elas estendem-se profundos vales, e deslizam torrentes de águas puras e frescas à sombra de moitas de verdura e bosquetes matizados de uma infinidade de lindas flores silvestres. (GUIMARÃES, 1990, p. 23)

Notamos que essa construção da paisagem do local é bem mais detalhada que o próprio seminário, que quase não é caracterizado. Isso indica que tanto para o narrador quanto para o protagonista essa paisagem representa muito mais do que aquele espaço fechado e sombrio. E por ser uma paisagem natural, observamos sua importância, sendo

um local ameno e agradável, assim como todos os outros espaços abertos referidos no enredo. Para Eugênio, como poderemos observar mais adiante, toda essa natureza remete a lembranças de sua terra natal, onde brincava com Margarida. Esses locais abertos e naturais, topofílicos e eufóricos para Eugênio são descritos detalhadamente, ao contrário dos espaços fechados como o seminário. Podemos estabelecer uma semelhança entre a descrição da paisagem de Congonhas (colinas, pastagens, torrentes de água, flores, colinas) e o espaço inicial do romance que é a fazenda paterna (paineira, vargado, pontezinha, campo, flores, espigões), ambos muito detalhados. O único espaço que foge a essa regra é a Capela do Bom Jesus. Por ser uma construção imponente e um marco real na história de Minas Gerais e do país, o narrador quis especificar mais. Essa espacialização dos locais abertos também é classificada como panorâmica, pois a descrição no narrador é geral, sem minúcias.

Mesmo o narrador e o protagonista se simpatizando mais com os espaços abertos, podemos perceber que todas as paisagens são bem descritas (não só a paisagem natural, como também a urbana). Enfim, a fruição das paisagens fala mais alto, mesmo quando se refere ao arraial de Congonhas do Campo, que tem “um aspecto alegre e pitoresco, e seus arredores monticulosos apresentam às vezes risonhas paisagens”.

Considerando os gradientes sensoriais, nota-se que a visão é a mais explorada. A visão indica a maior distância encontrada entre o ser e o espaço, o que é bastante utilizado como uma noção de afastamento e de melancolia, principalmente quando Eugênio senta-se isolado durante o recreio para lembrar-se de Margarida. Dentro dessa perspectiva da percepção do espaço pela visão, a cor verde ocupa maior destaque: “verdes pastagens”, “capões verde-escuros”, “moitas de verdura”, “montanhas verdes”, nos arredores das construções. Para CHEVALIER e GHEERBRANT (2008, p. 939): “O verde – envolvente, tranqüilizante, refrescante e tonificante (...) Para os cristãos, a Esperança, virtude teologal, permanece verde.”

Essa significação encontrada no dicionário homologa a que aparece no romance. Essa cor nesse momento representa a esperança para Eugênio de rever os outros “verdes” de sua terra. Além disso, a relação dessa cor combina com as perspectivas dos cristãos e do clero, que visam à virtude teologal. Nesse caso representa os dois lados da moeda para Eugênio: a vida monástica e a esperança do amor e das terras que se foram.

Outro aspecto importante que realça a idéia de lugar fechado e recluso do seminário ocorre quando o narrador descreve a topografia da região com suas montanhas e colinas. Elas parecem querer envolver com um abraço aquela região. Isso cria o efeito de sentido de um local fechado, cercado pelas montanhas. E também reforça a idéia de

isolamento de Eugênio.

Compreendendo esse espaço de Congonhas do Campo, o narrador faz algumas menções a caminhos tortuosos e irregulares. Tanto na descrição da ladeira que desce da Capela quanto das ruas do arraial, o narrador utiliza-se desses adjetivos.

Da frente da capela por uma extensa e íngreme ladeira, desce uma rua extremamente irregular e tortuosa, que vai terminar à margem do pequeno rio Maranhão, que divide o arraial em dois, comunicando-se por uma ponte de madeira. (GUIMARÃES, 1990, p. 24)

O adjetivo (tortuoso) poderia se referir ao seminário. Esse prédio “tortuoso” é o local que irá influenciar e modificar a cabeça dos seminaristas que estão internos lá, mais especificamente Eugênio. As práticas religiosas e todas aquelas regras acabam por modificar os pensamentos e as vontades naturais do jovem, que se vê num terrível dilema interior, entre o amor divino e o amor humano, entre o sagrado e o profano.

Por toda essa descrição e por tudo o mais que Eugênio enfrentará dentro do seminário, podemos classificar essa espacialidade como um espaço topofóbico e claustrofóbico para o protagonista. Essas duas classificações da Topopatía indicam que ali é um local detestável para Eugênio, apesar de toda sua beatitude e veneração; e claustrofóbico por todos esses indícios de um lugar fechado e até cercado pelas montanhas. Por outro lado, há a relação de Eugênio com os espaços abertos, em especial o da fazenda paterna, que é topofílico (relação positiva entre espaço e personagem).

Mesmo na vida fechada, devota e cheia de afazeres do seminário, Eugênio ainda continuava repassando na memória os bons momentos vividos na fazenda de seu pai e as alegrias com sua companheira de infância. Como o narrador disse: “nem o tempo, nem os seus novos hábitos e ocupações puderam jamais arrancar-lhe do coração”. E a palavra “jamais” aqui é bastante marcante. Nem toda sua devoção à religiosidade, nem todos os jejuns e penitências que sofre ao longo de sua estada no seminário, e nem o tempo apagam de sua memória o amor que sentia por Margarida. No capítulo quarto, notamos que logo no início de sua vida de seminarista, quase tudo o fazia lembrar-se de sua querida amada de infância: na missa, se ele via alguma menina parecida com Margarida, ele logo a fitava; os hinos sagrados da Capela o remetiam aos cânticos e à voz de Margarida; se visse alguma menina passeando ao longo da colina, logo “seu coração suspirava”.

E aproveitando essas passagens, observamos que há um segundo gradiente sensorial bastante representativo no enredo, que é a audição. Enfatiza-se o contraste entre som e silêncio. O seminário e toda sua austeridade ligam-se diretamente com a personalidade de Eugênio, como já foi referido anteriormente. Esse local é propício ao silêncio, já que impõe respeito e veneração, estando ligado a essa vida “monótona e compassada”. Eugênio também se mostra bastante silencioso, tanto pelo respeito ao lugar quanto pelas saudades que sente de Margarida e dos campos.

Isso tudo marca uma quarta função espacial presente nos capítulos que se referem ao espaço do seminário, que é a função em que o espaço estabelece um contraste com os sentimentos vividos pela personagem. Enquanto Eugênio está triste e sentado em seu canto, as pessoas se divertem e a natureza e a paisagem ao redor continuam belas e indiferentes aos sentimentos da personagem. O gradiente sensorial do olfato quase não é mostrado, mas sempre que aparece está ligado a boas emoções e sensações como “ambiente fresco e perfumado”, “brisa perfumada” e “afeição que embalsamava”, ou alguma comparação como “aquela ingênua expansão de uma alma/ que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora exalando perfumes de poesia” (p. 33, Cap. VI).

Os trechos citados acima possuem algumas significações especiais. Eugênio, enquanto está sentado e pensando, olha muitas vezes para o ocidente, que é o lado onde se localiza sua terra natal. Mas a coordenada espacial “ocidente” também possui outros sentidos. De acordo com o *Dicionário de símbolos* (2008, p. 663), o Ocidente representa o corpo, a literalidade e a matéria, ao contrário do Oriente que representa a alma universal, o esoterismo e a forma. Uma é oposta à outra, e essa simbologia do Ocidente ratifica o que ocorre no enredo, mais especificamente ao “destino” traçado ao protagonista que sempre é manipulado para as paixões divinas, mas seu espírito e suas vontades não resistem à paixão do corpo e da matéria. Mas é a simbologia do muro que devemos atentar.

Em algumas passagens podemos perceber que o seminarista sempre se isola perto de um muro no pátio do seminário, esquecendo-se dos amigos e sempre lembrando Margarida. De acordo com o *Dicionário de símbolos* o muro representa a proteção, o encerramento, a defesa, o simbolismo da verticalidade, além de:

(...) separação-fronteira-propriedade entre nações, tribos, indivíduos;
(...) separação entre Deus e a criatura; entre o soberano e o povo;
separação entre os outros e eu. O muro é a comunicação cortada,

com a sua dupla incidência psicológica: segurança, sufocação; defesa, mas prisão. O muro se aproxima aqui do simbolismo do elemento feminino e passivo (...). (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2008, p.626)

Todos esses valores simbólicos homologam os sentimentos vividos pelo personagem Eugênio naquela espacialidade. O muro para ele é uma sufocação, uma prisão e até uma passividade. Na Topoanálise o que chama mais a atenção é a idéia de que o muro poderia representar uma fronteira. Mas não o é. O livro possui uma clara divisão entre o espaço do campo e o da cidade, até mesmo em suas significações de topopatia, porém este muro não é uma clara separação entre esses dois macroespaços. Além do seminário/Capela e da fazenda de Antunes, ainda há a Vila de Tamanduá (a qual se subdivide no quarto da moribunda Margarida, na casa onde se hospeda Eugênio ordenado e a Igreja). Portanto, o muro representa uma importante espacialidade dentro da narrativa, mas não se caracteriza como uma fronteira.

3. As poesias no vasto salão

Eugênio, inicialmente, sofre com as aulas de latim que são obrigatórias em sua formação eclesiástica. Apesar de todo esse sofrimento com as lições, ele apresentava um ardor e uma grande força de vontade, pois se sentia inclinado para os sentimentos divinos. Observe-se o trecho abaixo:

Aquelas definições e classificações tão frias e áridas, aquelas enfiadas enfadonhas de declinações e conjugações, como um bando de morcegos e corujas, recusavam-se obstinadamente a penetrar no cérebro inflamado do adolescente, onde como em um santuário ardente e luminoso fulgurava incessantemente a imagem de Margarida. (...) (GUIMARÃES, 1990, p. 27)

Notamos nesse excerto algumas figuras e construções que dão ênfase a essa passagem pelo seminário. Há a presença da comparação em “as enfadonhas declinações e conjugações como um bando de morcegos e corujas (...) recusavam-se obstinadamente a penetrar no cérebro”, o que representa o grande problema que aqueles estudos estavam ocasionando para o jovem seminarista. O narrador utiliza-se de impressões sensoriais e táteis numa sinestesia para descrever aquelas definições latinas, que são “frias e ásperas”, cujo efeito de sentido é reforçar a negatividade das lições. Observa-se

uma comparação espacial entre o cérebro inflamado do adolescente e um santuário. Em sua mente, a imagem de Margarida, como que divina, aparecia incessantemente.

Toda essa tribulação com os estudos do seminário eram ainda mais dificultada pelos seus costumes simples de menino do campo e pela saudade por Margarida. Há uma mescla entre amor terreno e amor divino:

Amor e devoção se confundiam na alma ingênua e cândida do educando, que ainda não compreendia a incompatibilidade que os homens têm pretendido estabelecer entre o amor do criador e o amor de uma das suas mais belas e perfeitas criaturas - a mulher (...) (GUIMARÃES, 1990, p. 28)

O amor e a devoção se mesclavam, e Eugênio não sabia que são praticamente impossíveis, incompatíveis. O homem e a vida religiosa colocaram essa barreira através do celibato clerical, principalmente na Igreja Católica. O jovem garoto se refugiava na devoção religiosa e se entregava ternamente, porém ele nunca conseguiu esquecer a imagem de sua amiga querida, que o segue ao longo de todo o romance e é seu verdadeiro martírio, já que até mesmo seus pensamentos serão tidos como pecaminosos. O amor então era um ato de pura blasfêmia. O narrador deixa essa opinião totalmente explícita durante o enredo e, ainda mais notável, no trecho acima. A culpa é toda do homem, o qual criou essa imposição e essa regra de que esses dois amores não poderiam compartilhar o mesmo ser. Portanto, o celibato clerical não deixa de ser a grande crítica do livro e o tema condutor de todo o enredo.

A primeira complicação que ocorre nesta primeira passagem pelo seminário é claramente percebida, quando o narrador interrompe suas descrições dos lugares, costumes e sentimentos vividos no lugar e passa a narrar algo que se passou depois de dois anos que Eugênio estava lá. A conjunção “mas” marca esta interrupção/complicação: “Mas, um dia, Eugênio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima, que até então tinha merecido de seus preceptores.” (GUIMARÃES, 1990, p. 31)

Desse ponto em diante, o narrador passa a contar o que aconteceu para a estima dos preceptores e padres do local ter sido abalada. Tudo se refere à carta escrita em forma de poesia para Margarida.

O preceptor, que é um personagem plano, tipo, secundário e comparsa, descobre esse “anátoma tremendo” contra Eugênio. São as poesias dedicadas para Margarida, as quais ele escondeu cuidadosamente no salão onde os meninos estudavam e dormiam.

Eugênio se ocupava às vezes em escrever algumas coisas, que não eram os seus temas de latim, e escondia cuidadosamente esses manuscritos, em que cismava longamente. Como os meninos estudavam e dormiam em um vasto salão aberto, esta circunstância não pôde escapar aos olhos escrutadores e perspicazes do regente. Picado de curiosidade, este entendeu que devia saber o que continham aqueles papéis (...). (GUIMARÃES, 1990, p.31)

Este vasto salão aberto é outro espaço que aparece no cenário do seminário. Dentro da análise das coordenadas espaciais, podemos notar que nos capítulos quinto e sexto, haverá a perspectiva da amplitude (vasto/ restrito). O salão vasto (local de estudos e descanso) contrasta com a idéia dos poemas estarem escondidos (local restrito). Por acanhamento, um dos traços de personalidade do garoto, ele os escondeu nesse local restrito - seria a intimidade do seminarista. Porém, essa coordenada será mais visível quando considerarmos o que irá acontecer no próximo capítulo.

4. No cubículo do padre-mestre diretor

O regente, então, descobre os versos de amor. Era de se esperar que Eugênio fizesse estes versos, juntando os seus dois maiores amores: Margarida e os campos. Novamente aparecem aqui os espaços abertos (verde relva, sombra da paineira, outeiro) de que ele sente tanta saudade e que revela o que se passa em sua mente através dos poemas.

O regente mostra esses papéis ao padre-mestre diretor que, logo de início, se mostraram como um grande ultraje, uma libertinagem. O padre-mestre também é uma personagem plana e tipo, pois apenas seu caráter e suas características psicológicas são apresentados. Além disso, essa personagem é monotópica, ou seja, aparece apenas no espaço do seminário. Isso se deve à sua própria função dentro do enredo e do espaço. Ele é como um guardião dos bons costumes, tem de assegurar a moral tanto do seminário quanto do próprio Eugênio.

O seminarista, portanto, é chamado para comparecer no quarto do padre-mestre diretor. Aqui podemos perceber mais claramente a função da coordenada da amplitude (vasto/ restrito). Eugênio, no fim do capítulo quinto, estava, como de costume, sentado próximo ao muro do pátio do seminário remoendo suas saudades (totalmente indiferente àquela situação - função espacial de contraste com a personagem). Ele foi retirado desse

local mais amplo e se dirige a um local restrito que é o quarto do diretor. Vamos analisar duas passagens, quando Eugênio foi intimado a um esclarecimento:

Portanto, depois que os seminaristas se recolheram do recreio e que a sineta deu sinal da hora do repouso, Eugênio foi intimado pelo seu regente para comparecer no quarto do padre-mestre diretor. (...)Transido de terror, posto que a consciência nada lhe argüisse, pálido e trêmulo como um réu, que vai ouvir a sentença de sua condenação, o pobre menino atravessou os longos corredores, e encaminhou-se para o cubículo do diretor, que ficava na extremidade do edifício. (GUIMARÃES, 1990, p. 34)

A coordenada da amplitude (amplo/restrito) é ainda mais perceptível se atentarmos a esses dois excertos do texto. Eugênio sai do terraço e se dirige para o “quarto do padre-mestre diretor”. Logo após, o narrador troca de figura, substituindo “quarto” por “cubículo”, o que dá a idéia de um aposento ainda mais apertado. Nesse percurso figurativo, nota-se que o espaço vai se “comprimindo”, vai do vasto para o restrito. Há uma gradação espacial.

Portanto essas localizações (esplanada → quarto → cubículo) dão suporte a outro elemento da análise do espaço, a noção de ambiente. Segundo BORGES FILHO:

Dessa forma, define-se ambiente como a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico. Esquemáticamente, teríamos: 1º) Cenário + clima psicológico = ambiente. 2º) Natureza + clima psicológico = ambiente. BORGES FILHO (2007, p. 50)

Assim, o cubículo, onde se encontra Eugênio, pode ser classificado como ambiente, no caso, temos cenário + clima psicológico. Ele possui a função de ser a projeção dos conflitos vividos pelas personagens. As coordenadas dão suporte ao clima psicologicamente tenso, ainda mais conflitante no interior do protagonista que fica “transido de terror, pálido e trêmulo como um réu”. Ele se encaminha para o cubículo, atravessando longos corredores em direção à extremidade do edifício. Os corredores e a extremidade (idéia de longe/lá – eixo da prospectividade) reforçam o ambiente, manifestando no cubículo uma sensação de sufocação. E não só física, como também uma sufocação interior no seminarista. É como se este quarto, longe, afastado de todos e

bem restrito, propiciasse uma ação penosa ou de algum sofrimento para o protagonista. E isso realmente ocorre. Além disso, Eugênio é chamado quando os seminaristas se recolhem do recreio e a sineta avisa a hora de repouso, o que dá uma sensação de silêncio e incerteza. Mais uma vez, o gradiente sensorial vem auxiliar na construção da cena. Dentro do quarto, o diretor começa uma série de insultos e sermões contra o rapaz. O padre-mestre deprecia todo e qualquer tipo de sentimento desse amor puro e ingênuo do espírito do jovem e incute em sua mente essa sensação de culpa e desespero, que irá se tornar cada vez mais forte ao longo da narrativa.

Através do discurso direto, o antagonista e o protagonista conversam. O diretor afirma que essas relações com Margarida são pecaminosas, que só o fato de pensar já consistia em um grande pecado. Tudo isso é um grande choque psicológico para Eugênio que, a partir desse ponto, irá apresentar conflitos internos cada vez mais angustiantes. O diretor deixa explícito que isso é uma grave falta.

(...) Muito bem! agora é preciso também queimar nesse coraçãozinho inexperiente o lixo das paixões mundanas e pecaminosas no fogo do amor divino, redobrando de devoção, rezando com muito fervor, impondo-se jejuns e penitências, e suplicando do fundo da alma ao divino Espírito Santo, que lhe ilumine o entendimento e lhe vigore o coração, dando-lhe forças para poder combater vitoriosamente contra a tentação do pecado. Para esse fim há de Vm. jejuar uma semana inteira e preparar-se para no fim dela fazer confissão geral e receber a comunhão. Tenha paciência, e só por este meio que poderá combater a tentação, que assim o anda desviando da senda de seus deveres, e o pretende arredar de sua santa e verdadeira vocação. (GUIMARÃES, 2008, p.36)

O diretor impõe ao jovem uma luta interna contra esses sentimentos, o que é praticamente impossível, pois, como já foi dito, esse amor nunca se extinguirá.

5. Conflitos interiores do seminarista

Depois da grande reprimenda no quarto do padre-mestre diretor, Eugênio vai para o salão. Esse espaço deveria ser um local de conforto e descanso já que os seminaristas usam este espaço para dormir e estudar. Porém não é isso o que acontece:

Eugênio entrou para o salão mergulhado num pego de dor, de vergonha, de terror, e sofrendo o embate de mil diversas e violentas impressões. Seus companheiros de salão olhavam para ele cheios de pasmo. (GUIMARÃES, 2008, p. 37)

Aquele local amplo como indica o próprio nome, que, supostamente causaria um bom sentimento em Eugênio (já que todos os outros espaços abertos do romance são bons), passou de uma relação de topofilia para uma de topofobia.

Eugênio não sabia o real motivo de tanto sobressalto por parte do diretor. Para ele, aquilo que sentia por Margarida não era amor, apenas um sentimento pueril de amizade. Ele não via mal algum em expressar seus sentimentos na forma de versos.

O seminarista então, sempre dócil e submisso, concordou com a opinião do padre-mestre e, fazendo grandiosos esforços, tentou fazer algo impossível: manter Margarida afastada de seus pensamentos. Para isso ele se esforçou e tratou de ficar o mais distraído possível e não se lembrar da menina. Assim, sua atuação no espaço se modifica.

À tarde, no recreio, em vez de ir assentar-se como dantes no paredão da esplanada a contemplar as colinas vizinhas e as nuvens douradas do ocidente afogueado pelos últimos clarões do dia, envolvia-se na turba folgazã dos companheiros, e procurava abafar no turbilhão e algazarra de seus trêfegos divertimentos as cismas saudosas que nessas horas, como vapores de rosa nas asas de uma brisa perfumada, costumavam pairar-lhe pelo espírito. (GUIMARÃES, 2008, p. 38)

Eugênio se sentia cismado e ainda mais aterrado diante das advertências do padre-mestre diretor, e por causa de todos esses conflitos interiores ele procurava se esquecer de seus sofrimentos e “tentações”, juntando-se à turma barulhenta.

Eugênio se esforçava mais do que nunca para esquecer Margarida, desviando os olhares das mulheres da missa ou não querendo ouvir os hinos sagrados, que o fazia lembrar. Mas tudo será em vão. Eugênio mantém confissões para o diretor e este o incentiva a trabalhar o corpo e a mente incessantemente para esquecer a menina. Então Eugênio fazia penitências e orações incessantes, gastava sua energia em atividades físicas e depois estudava até se desgastar mentalmente. Isso tudo foi reforçado por causa

da alusão entre Margarida e a serpente do paraíso, que já foi analisada anteriormente.

Por todas essas atividades e penitências, ao fim de algum tempo, Eugênio tinha modificado seu físico e até seu caráter. Ele chegou a ficar muito magro, alquebrado. E com todos esses sofrimentos internos e externos para esquecer Margarida, ficou ainda mais retraído e melancólico.

No fim do capítulo, o narrador expõe sua opinião (marcando aqui, mais uma vez, a presença do narrador intruso). Todo esse fanatismo religioso maltrata o espírito de Eugênio. E esse será o tormento de sua vida.

6. Conclusão

Durante séculos, o seminário representou a única forma de educação formal disponível para os brasileiros. Mesmo assim, muito pouco sabemos sobre as representações desse espaço tão significativo na formação dos cidadãos de antanho. Acreditamos que um estudo contínuo nesse sentido se mostraria de largo interesse para reflexões sobre a formação do Brasil e também sobre as representações espaciais na literatura. Caberia perguntar, entre outras coisas, quais são as outras formas de representação na literatura que o seminário teve. Quais os temas mais freqüentes ligados a ele?

No romance *O seminarista* (1872), o *tópico* do seminário está ligado a dois temas básicos. Primeiro, a carreira eclesiástica que na época era bastante prestigiada e, portanto, famílias mais abastadas se esforçavam por ter um filho padre. O segundo tema diz respeito à vida eclesiástica, sobressaindo a idéia do celibato. Essa idéia é criticada o tempo todo.

No romance em foco, o seminário aparece como figura opressora dividido em três espaços principais: o salão, a sala do padre-mestre e o pátio. Por oposição, existe o espaço da natureza representada principalmente pela fazenda paterna e pelos arredores no exterior do seminário. Dessa forma, surge a grande antítese espacial do romance: externo (campo) e interno (seminário). Essa “dialética de esartejamento”, no dizer de BACHELARD (1989), homologa igualmente a grande dicotomia que cinde o ser de Eugênio: o divino e o terreno, o sagrado e o profano, a vida com Margarida e a vida como padre. Essa dialética não é superada pelo protagonista que, por isso mesmo, ao final do romance, enlouquece.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

- BARTHES, Roland. **O efeito do real** In: BARTHES, R. et al. **Literatura e Semiologia**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BÍBLIA**. Edição pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 2000.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à Topoanálise. Franca: Ribeirão gráfica editora, 2007.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT. **Dicionário de símbolos**. Petrópolis: José Olympio, 2008.
- GENETTE, G. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1977.
- GUIMARÃES, Bernardo. **O Seminarista**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- LOPES, Hélio. Prefácio in **O Seminarista**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- MOISES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA**. São Paulo: Barsa Consultoria Editorial Ltda., 2001.
- TOMACHEVSKI, B. **Temática** In: Eikhenbaum et al. **Teoria da literatura – formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1978.